

O ESPORTE SOBRE A VISÃO DE THEODOR W. ADORNO EM ALGUNS TEXTOS DO LIVRO “EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO”.

JEFFERSON RODRIGUES DE SOUSA¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil

Email: jeffsousa@globocom

Temas sobre corporeidade e formação são dos mais importantes na composição do que chamamos de Teoria Crítica da Sociedade. Em vários textos e grandes obras dos autores como Adorno, Horkheimer e Marcuse, filósofos ligados a chamada escola de Frankfurt, podem ser notados o tema do corpo e suas expressões e experiências, assim como os destinos da formação cultural e suas alternativas, sendo explorados, configurados e mesmo como pano de fundo das reflexões críticas à sociedade contemporânea.

O corpo exerce um papel fundamental na construção do sujeito esclarecido, não é por acaso que Horkheimer e Adorno, em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), na interpretação da *Odisséia*, observam que Ulisses, em várias situações, depara-se com o problema de como se relacionar com os corpos de seus marinheiros, com os das mulheres que ama, com um corpo gigante, com o seu próprio em especial, colocando-se paradoxalmente, como sujeito e objeto em relação a si mesmo.

Este corpo, que precisa ser disciplinado está presente nas práticas esportivas, práticas que na, maioria das vezes, são reprodução dos modelos promovidos na sociedade capitalista.

Assim, iremos fazer uma análise do esporte, pensando este como uma formação corporal, enquanto aparato social, como uma possível alternativa para a desbarbarização a consciência do indivíduo e como objeto de conteúdo da Educação Física escolar. Iremos utilizar como base textos do livro “Educação e Emancipação” do autor Theodor Wiesengrund Adorno.

1. Educação Física Escolar e Esporte – um breve relato

A Educação Física escolar é, atualmente, considerada pelos seus principais pensadores, pela LDB/96 e pelas diretrizes curriculares para o ensino fundamental e médio, como um componente curricular.

Os conteúdos do esporte são na maioria das vezes, a essência das aulas de Educação Física na maioria das escolas, desde muito cedo, aprendemos a jogar as modalidades esportivas, mas difundidas na Educação Física, como por exemplo, o futsal, voleibol, basquetebol e handebol.

Essas opções que são oferecidas aos alunos, ficam muito restritas aos que possuem habilidades nessas práticas. Em nosso país, culturalmente temos o futebol como esporte a ser praticado, o aluno que não possui habilidades no mesmo, acaba muitas vezes, sendo excluído pelo grupo ou se auto-excluindo. Em alguns casos, esses alunos buscam outros esportes (voleibol, basquetebol, handebol) alternativas de práticas para não ficarem de fora das aulas de educação física.

Atualmente, o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal na escola de ensino fundamental e médio. Mais do que isto, são reduzidas, na maioria das vezes, em modalidades esportivas como o futebol, basquetebol, voleibol e handebol fazem parte do conteúdo das aulas de Educação Física.

A Educação Física tem no movimento tanto um meio quanto um fim para atingir seu objetivo educacional dentro do contexto escolar. O movimento pode ser entendido como uma

¹ Bolsista CAPES, licenciado e bacharel em Educação Física, especialista em Educação Física Escolar, professor da rede estadual do estado de São Paulo, é mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Educação: História, Política e Sociedade da PUC São Paulo.

atividade, no caso corporal, que se manifesta através do jogo, do esporte, da dança ou da ginástica. A escola assumiu o ensino do esporte, praticamente como única estratégia.

A partir dessa consideração, entendemos, em nossa escola, que a função da Educação Física é educar para compreender e transformar a realidade que nos cerca, a partir de sua especificidade que é a cultura de movimento humano. Fazemos uma crítica à Educação Física como treinamento, mera atividade ou descanso para a rotina da escola, descontextualizada histórica e socialmente, acreditando que o movimento humano é uma forma de expressão cultural e que, por isso, carrega em si elementos históricos, éticos, técnicos, políticos, filosóficos, étnicos que devem ser estudados e praticados na escola.

O esporte, que segundo a perspectiva única do rendimento, já foi ideário olímpico e de uso político, atualmente é interpretado na perspectiva do direito de todos, abrangendo que nessa linha conceitual as manifestações esporte-educação, esporte-lazer, ou de participação, e esporte de rendimento, ou de performance. É importante lembrar que a manifestação ao esporte de rendimento passou a constituírem-se em negócios, incorporando toda a lógica do lucro mercantil, o que elimina as referências éticas originadas no antigo movimento olímpico.

Na Educação Física podemos notar que a valorização do pensamento científico se faz presente através da forte influência exercida pelas áreas biomédicas que acabavam orientados as práticas escolares dessa disciplina no Brasil através de um paradigma biológico – mecanicista.

2. Esporte na obra de Adorno

No texto *Educação após Auschwitz*, ADORNO (2006) sugere que as condições sócias objetivas que empurraram a humanidade à barbárie² já são a própria barbárie, e não somente seus resultados mais terríveis. Para Adorno, é inconcebível que uma civilização como a nossa, hoje munida de vários aparatos tecnológicos, repita o episódio de Auschwitz.

Adorno sustenta a tese de que é importante se pensar a cada dia na possibilidade de uma nova Auschwitz. Carregar essa suposta desconfiança e estar historicamente informado a respeito do fato é comprometer-se em criar medidas de prevenção que possam evitá-la. Ressalta dois aspectos. O primeiro se refere à educação infantil, principalmente na primeira infância; o segundo está relacionado ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, social e cultural que impeça tal reprodução.

Adorno aborda a “barbárie” relacionando-a com o contexto histórico vivido pela Alemanha no século XX, que é para ele a mais horrível explosão de barbárie de todos os tempos, o Terceiro *Reich*. No entanto, ele afirma que este fato está presente em todo o mundo.

O grande desafio da educação é a desbarbarização. Está é uma condição em que o homem se encontra e, que, apesar de estar em pleno desenvolvimento industrial tecnológico, ele se encontra atrasado e, por possuir uma agressividade primitiva, ligado a um impulso de destruição, contribuem para aumentar o perigo de que toda civilização venha a explodir. Por isso, a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência humana.

A educação só teria pleno sentido como educação para a auto-reflexão crítica, temos de ter sempre em mente presente que mesmo nos dias atuais, onde a educação está mais presente pelo fato de termos uma quantidade maior de recurso do que na época de Auschwitz.

As práticas esportivas nascem como um importante dispositivo disciplinar e de conformação corporal, no sentido mesmo de certa produtividade. Ao esporte se credita hoje, todo um conjunto de benefícios, que vão da melhoria da saúde a solidariedade, do respeito às regras, a distancias das drogas, das fortes emoções ao a pacificação delas.

Ao falarmos do esporte, temos que ficar atentos a sua interferência sobre a sociedade e também as suas transformações e abordagens decorrentes da própria sociedade. Entender

² Entende-se, por barbárie, o impulso de destruição que o homem traz consigo. Esse impulso manifesta-se nas diversas formas de agressividade que percebemos no cotidiano e pode chegar a situações extremas, como os campos de extermínio da Segunda Grande Guerra Mundial.

como a sociedade está construída hoje, ou seja, como estabelece criar e desenvolver suas ações e relações significa compreender os vários componentes históricos que se desenvolveram em si mesma, isto é, os aspectos que surgiram, modificaram ou foram modificados pela própria sociedade: fenômenos políticos, econômicos, culturais, sociais, entre outros. Olhar para o esporte atual e conceituá-lo como um fenômeno de múltiplas dimensões, implica em observar como sua evolução se correlaciona com esses fenômenos.

Em algumas passagens da obra de Adorno, ele coloca em questão o caráter da técnica, sua condição de medida para o progresso e para a felicidade humana. Adorno não compartilha da crença de que o novo ser humano será forjado no progresso tecnológico.

Para Adorno não há dúvidas quanto ao potencial destrutivo, de produção da crueldade, internalizado nas tendências sociais contemporâneas, cuja imagem aparece, também, nas relações patogênicas com o próprio corpo. Nesse contexto, ADORNO (2006) dirá que seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica:

Aqui seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica: O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrario a barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas das suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e a disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambigüidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma. (ADORNO, 2006, p. 127.)

Logo adiante, no mesmo quadro reflexivo – que é o da defesa de uma educação resistente à barbárie – destaca a afinidade do esporte com a técnica e as decorrências de uma absorção não refletida da última:

{...} na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isso se vincula ao “véu tecnológico”. Os seres humanos inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. (ADORNO, 2006, p. 132; 1971a, p. 100).

Essa subjetividade está, no entanto, mediada de forma inquestionável, no espírito do nosso tempo, pela tecnologia, pelo véu tecnológico, pelo fetiche da técnica. Essa tecnologização somática só é possível porque há, entre nós, uma extensa pedagogia do corpo para cuja consecução concorrem, sem nenhuma dúvida, os esquemas da indústria cultural. Essa conformação/produção dos sentidos encontra seu destino perverso na sociedade administrada:

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados porque os fins – uma vida humana digna – encontram-

se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (ADORNO, 2006, p. 132-133.)

Esse fetichismo da técnica também se encontra no esporte e seu caráter maquinal, no esporte o corpo é o instrumento técnico por excelência. Assim como os instrumentos técnicos devem dominar a natureza, da mesma forma o corpo, em si mesmo, deve ser expressão da natureza dominada, o que pode ser facilmente identificado nas estruturas do treinamento corporal.

Como mediação tecnológica entre o ser humano e seu corpo é que a atividade esportiva, levada as últimas conseqüências, perpetua a reificação de forma que não é possível, por mais que se exercite superar o estado de morte atingido pelo corpo. Ao contrário, quanto mais ele é exercitado, mais é desqualificado como matéria manipulável, quanto mais separado da instância não corporal, mais reificado e, portanto, sem vida se torna.

Nas análises sobre a indústria cultural o esporte aparece, de forma mais freqüente, como estrutura modelar, uma forma de dever ser, uma vez que várias dimensões da vida social teriam se esportivizado. Este pensamento perpetua-se na esfera do consumo, onde padrões pré-estabelecidos de gostos e atitudes socialmente aceitas, geram a produção de milhares de objetos iguais, que através de sua fetichização, se tornam meio da busca pela felicidade desempenhada pela maioria.

Adorno fala sobre uma inclinação arcaica à violência, vinculada, sem nenhuma dúvida, às expressões do corpo, disciplinadas ou não:

Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência. Basta prestar atenção em um certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem – principalmente quando algo é criticado ou exigido – se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada. (ADORNO, 2006, p. 126-127).

Podemos pensar no esporte como aparato repressivo para que não haja revoltas, um controle sobre as atitudes da população, pois através do esporte é uma forma de colocar a agressividade natural do ser humano para fora. Ele reproduz ideologicamente as relações burguesas, como a hierarquia, obediência, etc; mostra a ideologia da competição permanente; ma ideologia do corpo - maquina, tornando-se um robô, alienado pelo trabalho-resultado.

No texto *“A Educação contra a Barbárie”*, ADORNO (2006) fala que a barbárie, segundo está em toda parte onde haja uma regressão à violência física primitiva, sem que exista uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade onde assim ocorra uma identificação da violência física. Quando Adorno refere-se à barbárie vai diretamente ao genocídio, tortura, opressão e preconceito que eram temas presentes em sua sociedade, já que o autor sofreu na pele com as conseqüências do nazismo. O que Adorno pretende com a educação contra a barbárie é que as pessoas e principalmente os adolescentes e crianças criem uma aversão à violência física e a escola tem um papel importante neste processo. Isto é desacostumar as pessoas a se darem cotoveladas, que constituem sem dúvida uma expressão de barbárie, explica Adorno (2006).

A barbárie, geralmente, é justificada pela autoridade ou pelos poderes estabelecidos para que se pratique a deformidade, o impulso destrutivo. Um exemplo que mostra a diferença entre que é e o que não é a barbárie, para Adorno, é extraído da juventude. O movimento estudantil trata de modos de agir politicamente refletido. Não se trata de uma consciência deformada imediatamente agressiva. No entanto, a barbárie se manifesta quando, em uma partida de futebol, um determinado time vence e é hostilizado ou agredido no estádio; isso é

algo bárbaro. Porém, a questão mais difícil é: como educar nossos jovens para que efetivamente apliquem essas reflexões? Isto é, como lhes ensinar a respeitar o adversário, o diferente, o não-eu? O que fazer com quem pensa e é diferente?

Adorno concorda que a competição é um princípio, no fundo, contrário a uma educação humana. Mas o mundo capitalista vive de estimula a competição; nela vê um dos mecanismos da sobrevivência e do progresso. E a competição está inerente ao processo educacional contemporâneo. Infelizmente, a “massa” dos professores continua considerando a competitividade como sendo um instrumento central da educação e um instrumento para aumentar a eficiência. E romper com esse paradigma significa assumir uma postura política diferente. Ora, a questão que se coloca é se a escola e todos os que nela estão envolvidos querem, de fato, no discurso e na prática, romper com a filosofia do desempenho e do mérito, da lógica da dominação, e assumir, verdadeiramente, que conviver bem é preferível à vitória pessoal. O que se percebe é que a educação hoje em dia prepara pessoas para vencerem, ocuparem postos altos. Esse parece ser o ideal de vida. Ora, com este tipo de perspectiva, continuaremos a ter barbáries, uma vez que haverá sempre um dominador e muitos dominados. Haverá sempre uma cultura predominante sobre as demais e as conseqüências do instinto destrutivo do homem poderão superar o que ocorrera em Auschwitz.

Considerações finais

O que se pode considerar, é que para Adorno, a educação perdeu completamente o seu caráter emancipatório e precisa resgatá-lo. Ao fixar e reproduzir internamente os pilares do capitalismo, sobretudo, a competição, o culto ao mérito, ao desempenho, a escola se tornou um ambiente da exclusão e de preparação de futuros autoritários. Isso é preocupante, pois a violência avança consideravelmente e Auschwitz pode se repetir.

A educação emancipatória não somente um método. É uma filosofia, implica em rompimento com a tradição filosófica que considera o conhecimento como apreensão do objeto por parte do sujeito. Implica em romper com a visão tecnicista e positivista que estabelece hierarquias no conhecimento e privilegia a competição e o mérito. Ora, se quisermos que a barbárie não se repita, é preciso uma mudança de paradigma filosófico, político e econômico.

O esporte trabalhado na escola sem uma análise crítica como os apontamentos que Adorno fez, tem aspectos que encontramos na sociedade capitalista, como por exemplo: competição, rendimento, técnica, agressividade, respeito às regras, indústria cultural e outros. Ele se destaca por ocupar um lugar fundamental na utopia da educação e do esclarecimento.

As tendências atuais da Educação Física Escolar no Brasil, estão próximas com o pensamento da Teoria Crítica por questões como sobre a promoção de uma prática pedagógica calcada na reflexão, práticas reflexivas, reflexões críticas que assumem o papel central na configuração de uma força resistente aos mecanismos de reprodução capitalista. A idéia esta já presente nos escritos de ADORNO (2006) que reclamava a necessidade de uma formação cultural, e somente isso, como elemento que teria condição de se contrapor “pseudo-formação” difundida pela “semicultura” arraigada na indústria cultural.

O tecnicismo e competitividade do esporte se sobrepõem aos ideais de cooperação e participação necessária à prática da Educação Física. Nota-se então a dicotomia existente entre o esporte (visto na mídia) e a Educação Física que o tem como um dos seus principais conteúdos. Diminuir então essa dualidade e trabalhar o esporte de forma sistematicamente pedagógica, crítica e emancipatória na escola são necessidades morais, sociais e legais, refletindo, portanto, se estamos agindo como educadores ou treinadores.

Referencial teórico

ADORNO, T. W. *A educação contra a barbárie*. IN: MAAR, W. L. (Org.). Educação e Emancipação. Rio de Janeiro. 2006.

ADORNO, T. W. *Educação após Auschwitz*. IN: MAAR, W. L. (Org.). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro. 2006.

ADORNO, T. W. *Educação para quê?*. IN: MAAR, W. L. (Org.). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro. 2006.

ADORNO, T. W. *Tabus a cerca do magistério*. IN: MAAR, W. L. (Org.). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro. 2006.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Jefferson Rodrigues de Sousa

Endereço: Rua Flor das Almas, Nº31, São Miguel Paulista, São Paulo – SP, Brasil.

Telefone: (11) 2052-6872 residência, (11) 9843-2265 celular.

Email: jeffsousa@globo.com